

O DEVENIR

ÍNDICE

1. A MORTE.....	3
2. OS ELEMENTAIS	5
3. A VIDA INTERNA DA TERRA	8
4. O MUNDO ASTRAL	10
5. AS DIVISÕES ASTRAS	9
6. O MUNDO MENTAL	14
7. A GRUTA DE RAS.....	15
8. OS MUNDOS DOS DEVAS	16
9. O HOMEM COMPLETO	18
10. DO HOMEM AO COSMOS	20
11. FATALISMO E ORIENTAÇÃO.....	22
12. O DESTINO.....	23
13. A GRANDE ILUSÃO	259
14. A LIBERAÇÃO	26
15. A REENCARNAÇÃO	28
16. O DESCENSO À TERRA	29

A MORTE

Primeira Ensino

Para o materialista, a morte é um ponto negro, um estalido de sensações, um vazio e nada mais.

Para o religioso, a morte é a passagem para uma vida superior, mais perfeita e feliz.

Porém ninguém sabe exatamente responder às perguntas fundamentais: De onde se vem? Por que se está aqui? Para onde se vai depois da morte?

Se se considerar o universo como um maravilhoso conjunto harmônico que desenvolve um determinado plano de evolução para chegar a Ser, abre-se um horizonte mais vasto aos olhos do investigador e então tem um vislumbre do por que deste contínuo devenir.

A morte se produz de três formas: morte violenta, morte natural e morte extática.

A morte violenta separa o corpo astral, repentinamente, do corpo físico; os desventurados que morrem por acidente ou por suicídio voltam continuamente do plano etéreo ao plano físico porque não estabeleceram uma harmonia de gravitação em seu novo corpo que lhes permita sintonizar-se com o estado de vibração no qual entraram. Como não têm corpo físico para manifestar suas sensações grosseiras nem disposição suficiente para afastar-se dali, estão como que suspensos no ar; crêem estar vivos ainda, não se dão conta de que passaram a formar parte de um novo estado de consciência.

Sofrem horrivelmente e com frequência voltam ao lugar onde ocorreu sua morte, enquanto constantemente se refletem e se repetem em seus espectros astrais os acontecimentos que a precederam. Os Protetores Invisíveis não podem fazer nada por eles, porque rechaçam todo auxílio. Como estão fora das leis gerais que regem os seres sutis, padecem um verdadeiro inferno; até que, gasta por completo a substância material de seu corpo etéreo, podem enfim entrar em um tranquilo sono.

Todas as religiões, como primeiro dogma e mandamento, escrevem: “Não matarás”; e têm sido reprovados os suicídios e os fatos sangrentos, considerando-se como castigo divino o morrer violentamente, ainda quando seja por casual acidente.

Se o ser que assim morre não tem bastante adiantamento espiritual, prolonga até o indizível esse martírio, porque a paixão o atrai para o mais grosseiro; o mais grosseiro o carrega de partículas materializantes, e prolonga assim indefinidamente essa vida que não é vida. Enquanto que os mais adiantados, como têm o hábito de orientar os pensamentos para um ideal espiritual, podem desembaraçar-se mais rapidamente deste pesadelo.

Tal é o caso dos que morrem por um ideal, como os mártires cristãos e os valorosos soldados no campo de batalha.

Diz a Sagrada Escritura que é tranqüila a morte do justo aos olhos de Deus; então, uma morte natural há de ser o desejável para todos.

Quem não desejaria morrer como aqueles santos invictos que sentiam chegar a Grande Hora e se dispunham para ela com serenidade, com resignação, com paz?

Uma longa enfermidade dispõe o ânimo do moribundo e desmaterializa com antecipação a envoltura física do ser prestes a morrer; facilmente se acostuma às novas

vibrações, escuta com docilidade a voz dos guias invisíveis e mansamente se deixa levar pelo novo mundo.

O ser habituado às coisas espirituais, ao se aproximar a hora da morte, desenvolve repentinamente os sentidos astrais e há casos notáveis de moribundos que asseguram estar rodeados de parentes falecidos, de santos e de protetores; que ouvem vozes misteriosas convidando-os para o além e, às vezes, aparecem simultaneamente em diversos lugares e para diferentes pessoas.

Quando o coração deixa de bater, o ser não está ainda completamente morto; a morte se produz só depois que o cordão astral, que é um fio prateado que ata o corpo etéreo ao corpo físico, se parte. Este, ao partir-se, produz um pequeno estalido com centelhas, como um curto-circuito em uma instalação de luz elétrica. Muitas vezes o corpo físico já está frio e o corpo astral ainda não se separou dele. Às vezes demora dias para se efetuar esta suprema operação.

Exemplo admirável disso se tem nos Evangelhos. Quando Jesus chegou à Bethânia, à casa de Marta e Maria, chorou amargamente ao saber da morte de Lázaro, ocorrida há três dias. Por que chorou Jesus se sabia que ia ressuscitá-lo? Porque se Lázaro estivesse realmente morto, tampouco Jesus teria podido atrair o espírito outra vez à abandonada morada; mas, quando Jesus chegou ao sepulcro e viu com seus olhos videntes que o corpo astral estava unido ao corpo físico, pôde realizar o milagre.

Geralmente, a separação definitiva dos dois corpos ocorre sete minutos depois que cessaram as batidas do coração. O corpo astral, como uma vaga neblina, flutua no aposento a uns três metros do cadáver; depois lentamente se eleva e se sutiliza, harmonizando-se com o estado que lhe corresponde.

Há, no entanto, alguns seres, fortes e adiantados, que abandonam seu corpo físico quando crêem que chegou sua hora e que terminaram sua missão. Esta morte se produz por êxtase. É uma concentração da mente, a qual levanta uma onda de energia vital no organismo até que este, não podendo mais tolerar a alta tensão da mesma, separa-se do corpo astral e morre.

Sem dúvida, estes casos são raros e excepcionais, e será a modalidade de morte das raças futuras. Quando uma vestimenta está velha há que deixá-la e adquirir uma nova.

Assim que o choque da separação se produz, o ser, rapidamente, repassa todos os fatos de sua vida passada; é um grande exame retrospectivo que a Lei de Evolução lhe exige antes de seguir adiante na senda do progresso. O resultado deste exame, chamado pelas religiões “Juízo de Deus”, será alcançar mais sutis ou mais densas vibrações no novo estado.

Os prantos, os suspiros, os gritos dos que acompanham os moribundos na hora da morte são sempre prejudiciais. Só o silêncio absoluto e a ausência de todo pensamento adverso podem acompanhar o homem na última hora.

As orações, os cantos sagrados, os círios e as flores, se acompanhados por nobres sentimentos, são sempre de utilidade e de estímulo.

O enterro não há de ser realizado em seguida, mas três dias depois, e aqueles que determinarem a sua cremação, devem deixar disposto para que seja realizada oito dias depois do falecimento.

De qualquer modo que se produza a morte, sempre é uma hora solene, quem sabe a mais solene de todas as horas, porque é o portal de um novo devenir, é outro passo para o chegar a Ser.

OS ELEMENTAIS

Segunda Ensino

Phritivi, o elemento terrestre, cria elementais que são os guardiões e vigilantes dos movimentos terrestres, do crescimento das árvores e de toda vegetação, e da reserva das terras que não hão de ser contaminadas pelo homem.

A lenda antiga nos apresenta a estes seres de diminuta estatura, com longas barbas, de aspecto grotesco; a fantasia popular os rodeou de histórias e de mistérios, chamando-os de anões, duendezinhos, gnomos etc.

Em realidade estes elementais não têm forma visível aos olhos comuns dos homens, embora costumem se materializar às vezes.

Em “Os Nibelungos”, os anões guardam em uma gruta obscura e profunda o tesouro sagrado que ninguém pode tocar, para relacionar a lenda com a sua missão, que é a de reservar e guardar certos lugares magnéticos.

Há na província de La Rioja um lugar oculto que não pode ser visto pelo homem e vigiado por estas entidades que, com toda certeza, se materializariam aos olhos de qualquer viandante, antes de deixá-lo passar.

Eles dirigem, sobretudo, divididos em determinados grupos, a evolução química dos metais. Obedecem cegamente aos magos que se dedicam à prática de dominá-los, os quais conseguem dos mesmos tudo quanto queiram, pela simples razão de que o homem tem mente própria e estes seres têm mente coletiva.

Quando o conde de Saint Germain levou um amigo para visitar as arcas onde guardava ouro, pedras preciosas e metais de valor incalculável, o visitante lhe perguntou como havia conseguido juntar tantas maravilhas, ao que o conde respondeu, rindo maliciosamente, que haviam sido trazidas por seus servidores da Terra.

Gabriel, o Arcanjo que leva o lírio na mão, dirige-os e governa-os. Na mitologia hindu, é designado pelo nome de Indra.

Apas, o elemento da água, cria também elementais. Se pudéssemos materializar estas formas, nós as veríamos como as de sugestivas ondinas, de encantadoras sereias e de diáfanas ninfas.

Estes elementais regem o movimento rítmico das águas, das chuvas, dos trovões e das tempestades.

Sua imagem poderia ser vista também, nas formas e nas cores variantes das nuvens que passam voando sobre as cabeças humanas e às quais tão pouca atenção se presta.

Eles são muito resistentes a se aproximar dos seres humanos e, se o fazem, é para destruí-los irremediavelmente.

Aquele que domina os elementais da água necessita ter uma Roda Controle a toda prova. Jesus, o forte, caminhava sobre as águas.

Rafael é o Arcanjo que os governa; aquele que levou para Tobias e o presenteou com o peixe maravilhoso. Na mitologia hindu é Varuna.

Tejas cria os elementais do fogo: as luminosas salamandras, os sátiros ardentes e as terríveis erínias.

Estes elementais amam os homens e podem ser dominados com facilidade; mas, se os veem temerosos, sacrificam-nos imediatamente. Adoram o valente e odeiam o covarde. Qualquer alma forte pode dominá-los, por isso os santos que não temiam a morte, sustentados por eles, caminhavam sobre as brasas e cruzavam as chamas, como ainda o fazem no Japão e na China os xintoístas adoradores do fogo.

São verdadeiros servidores do forte Arcanjo Miguel e do sempre valoroso e resplandecente Agni.

Vayu, o elemento do ar, cria as formas dos silfos, dos fantasmas e das larvas errantes. Não são amigos nem inimigos do homem, mas fogem dele constantemente.

Os elementais do ar são muito úteis para os magos que podem dominá-los, pois lhes servem cegamente.

Cumprem com uma rapidez fantástica seus mandados, mas também se afastam velozmente quando se os deixa em liberdade, pois seu único anseio é vagar e vagar. Descreveu-os insuperavelmente Shakespeare em seu “Ariel”.

Dirige-os o Arcanjo Serafiel, chamado “O Corredor”, aquele que estende as cortinas dos tempos.

Estes elementais também costumam se revestir com os cascos, humanos e animais, que pululam no sétimo plano do mundo astral. Tomam corpo das escórias etéreas e astrais de todos aqueles que seguiram adiante em seu plano de evolução.

Azrael, o deus da morte, procura bondosamente fazer com que eles se dissolvam e que sejam reintegradas ao Éter Cósmico. Ou ainda que aqueles que já tenham tomado força tal que possam resistir ao embate da onda destruidora possam progredir e formar uma morada digna de ser habitada amanhã por uma mente humana.

A Hoste da Sombra, que governa os seres elementais, mantêm-nos circunscritos em sua região magnética para que não causem dano aos seres humanos que não os conhecem e nem podem percebê-los.

A VIDA INTERNA DA TERRA

Terceira Ensinança

Em tempos da raça Atlante, um imenso calor, um fogo nítrico, fervia nas entranhas terrestres.

O planeta não recebia calor dos raios solares, pois a atmosfera estava coberta por densas nuvens e vapores.

A vegetação se produzia mais por efeito do calor interno; por isso, as raízes, exuberantes e suculentas, eram a parte mais desenvolvida dos vegetais. Em troca, tinham flores de pobres cores e sem perfume.

Este calor interno sustentava também a vida nas profundezas dos mares e oceanos.

As grandes comoções sísmicas, os afundamentos e as elevações dos continentes, sepultaram estas coberturas vegetais debaixo de verdadeiras abóbadas.

Os gases e as fermentações produzidos pelo calor interno criaram o depósito mineral, as cavernas de carvão e depósitos de hulha, que a temperatura e as condições atmosféricas atuais não poderiam reproduzir.

Ali ficaram sepultados os restos dos monstros antediluvianos e os dos esqueletos atlantes, à espera de outro movimento similar que volte a lançá-los ao nível do mar.

Há, debaixo daqueles depósitos minerais, outros imensos de ouro, oricalco, platina, cobre, manganês etc.

E ainda mais abaixo, encontram-se as cavernas luminosas formadas pelo basalto das lavas dos vulcões lemurianos, atlantes e os mais recentes, da época de transição siluriana.

Ali, as cores do Grande Elemento, vivificadas pela ação terrestre em conjunção com a ação solar que penetra até estes abismos, produzem cenas fantásticas de luzes e cores; desde o amarelo de Prithivi até o azul de Vayu, com uma harmonia difícil de imitar.

Seres vivos existem nas entranhas da Terra: restos de raças lemurianas que ficaram sepultadas nessas imensas galerias e que, no decorrer dos milênios, foram se degenerando paulatinamente. São seres semicegos, semi-inconscientes, deformados e puramente instintivos.

Bulwer Lytton descreveu em seu livro “A Raça Futura” alguns seres que vivem nas profundezas da Terra, porém, por sua descrição, não se parecem com os que se especificam nesta Ensinança, mas a benéficos e poderosos elementais.

E mais além, mais nas profundezas da Terra, encontram-se os grandes corredores, dos quais as tumbas faraônicas são uma imitação; verdadeiras câmaras da rainha e do rei, onde mora a Rainha do Planeta, a todo-poderosa Prithivi, a Mãe Bhumi: a essência potencial vegetativa que dá vida ao planeta.

No centro deste, ferve ainda o fogo, espírito vital da Terra. Deste fogo central, prana concêntrico, desprendem-se globos ígneos que percorrem os misteriosos corredores e câmaras internas, subindo assim, paulatinamente, pela espinha dorsal do Planeta até a superfície, para unir-se com os raios solares e estimular a vida natural.

Quando essa chama for consumida totalmente virá a morte do planeta: seu estalido e a essência vital dela terá passado para outro centro negativo do universo para formar e dar vida ali a um novo mundo.

O MUNDO ASTRAL

Quarta Ensinança

A cada hora que passa, milhares de almas abandonam seus corpos para serem reintegradas ao mais além e, enquanto as fossas abertas trazem as frias imagens humanas, o pensamento dos que ficam golpeia sobre a tumba com uma angustiada pergunta: Para onde foram?

Que desconsoladora é a morte para os que acreditam que a vida é um resultado de forças e sensações e que tudo desaparece quando as mesmas cessam suas atividades!

Mesmo para aqueles que têm fé, a morte causa desconsolo, já que as religiões a que seguem, unicamente lhes asseguram a existência da vida depois da morte, sob a condição de uma submissão absoluta a tal crença.

Só o vidente pode elevar-se com facilidade aos planos superiores e conhecê-los.

Nestes últimos anos, o espiritismo tem contribuído muito, com alguns experimentos valiosos, para demonstrar que depois da morte subsiste uma parte sutil do ser que entra em outro estado de vida.

Depois dos primeiros momentos de desequilíbrio, o ser passa para um novo estado: o astral. A primeira lei que aprende é a de uma gravitação diferente, já que gostaria de caminhar e não pode; porém pensa em caminhar e anda tão rapidamente como se voasse. Não se fala aqui dos passos dos seres muito evoluídos, mas os dos seres do tipo comum.

As primeiras dificuldades são encontradas na parte inferior do mundo astral.

É um mundo de estranhas cores, de pavorosas imagens, de vibrações de lamentações; um verdadeiro inferno de Dante. Estão ali os corpos etéreos dos elementais, dos espíritos da natureza, dos homens selvagens e pouco evoluídos. Estes seres ou formas mentais chocam-se entre si continuamente, produzem estalidos e mudam o aspecto da paisagem fantasmagórica tão rapidamente como se sucedem com suas grosseiras sensações.

Os que acreditaram na existência de castigos depois da morte creem ter chegado a aquele lugar de tormento e é tanta a sua aflição que sofrem uma segunda morte.

Desde ali passa para o estado de sono astral. O ser abandonou seu corpo etéreo e os Protetores Invisíveis fazem com que esqueça tudo, que tudo desapareça de sua mente, para que possa subir, depois de certo tempo, aos planos superiores.

O costume de evocar nas sessões espíritas a alma de algum defunto que já tenha entrado neste estado é muito daninho, porque o ser, quando é muito forte o pensamento que o chama, desperta-se e acode ao lugar do chamado, com grave dano e atraso para seu adiantamento espiritual.

È tão sagrado este lugar de descanso astral que nem as altas Entidades podem entrar ali; unicamente o fazem aqueles que têm a incumbência de vigiar os que dormem.

Havia de ser vidente aquele cristão que idealizou as imagens que adornam os cemitérios; anjos silenciosos que cobrem com suas asas as tumbas, como se quisessem apagar o sono de alguém; inscrições e preces que chamam ao recolhimento.

Os seres já purificados despertam-se para uma nova vida, esquecendo completamente a anterior. Segundo seu grau de evolução, moram nos planos astrais

superiores ou no mundo mental, junto a seres com os quais se sintonizam e que tenham mais ou menos o mesmo adiantamento espiritual.

Com seus pensamentos rodeiam-se pelas paisagens e objetos que foram seu desejo constante durante a vida: seu paraíso. O artista encontra sua obra-prima; o explorador, a terra sonhada; o santo, seu céu; o rebelde, seu reino. Todos os desejos são satisfeitos, porém na satisfação dos desejos vai o germe do fastio.

Assim a alma começa a sonhar com coisas novas, até que esses sonhos, cada vez mais persistentes, impulsionam-na para uma nova vida.

É um novo ideal que terá seu despertar sobre a Terra.

AS DIVISÕES ASTRASIS

Quinta Ensinança

O universo se funda sobre um plano septenário.

Os estados materiais, energéticos e mentais se separam em sete divisões e subdivisões.

Os homens já conhecem cinco elementos materiais: terra, água, fogo, ar e éter. Falta-lhe, no entanto, encontrar outros dois para serem donos do mundo material e conhecer a totalidade do Elemento Cósmico.

Seguem imediatamente os sete elementos energéticos que constituem não a energia conhecida, mas uma superenergia.

Depois se encontram os sete elementos astrais.

Cada um destes elementos fundamentais tem, por sua vez, sete subdivisões e estas, subdivisões, similarmente, até o incontável.

Cada elemento se diferencia dos outros por sua tônica vibratória. Por isso, mesmo estando no mesmo lugar se mantém perfeitamente separados um do outro. Ocorre o mesmo entre o mundo dos homens e o das formigas que, encontrando-se em um mesmo lugar, desenvolvem vidas completamente distintas.

Então, o estado astral não tem um lugar determinado fora ou dentro da estratosfera da Terra; porém é tanto ou mais real do que o estado físico, com a diferença que, como se compõe de vibrações muito mais sutis do que as conhecidas, tem como morada um espaço que não se pode limitar e que escapa às dimensões terrestres.

Da mesma forma, o tempo astral pode ser melhor chamado de duração em vez de tempo porque, como esse mundo é regido por emoções, a duração do tempo depende do estado de ânimo que se experimente.

Muitas vezes os humanos têm ensaios e provas em relação a esta duração, pois se ouve dizer: “Este momento de dor foi para mim uma eternidade” ou “Este instante de alegria passou voando”.

Também o tamanho do mundo astral e de seus moradores aumenta ou diminui rapidamente, segundo a duração e a sustentação dos pensamentos dos seres astrais, porque suas altas vibrações não admitem uma dimensão determinada.

Então, nada pode ser definido ali como alto ou baixo, grande ou pequeno; mas apenas se pode orientar as medidas sob o compasso da matéria mental empregada para ver.

Esta é a dificuldade que encontram os estudantes quando começam a frequentar os planos astrais.

Por exemplo, eles veem um animal de feio aspecto e a curiosidade os detém para observá-lo, e assim que o observam, crescem; ao crescerem enchem a alma de temor e este, concentrando-se sobre o animal, pela violência do esforço, torna-o maior ainda.

Outro exemplo: quando se encontram com um ser querido e ao vê-lo se emocionam, a emoção desgasta forças, tira serenidade, e o ser, frente a este efeito psíquico, diminui rapidamente de tamanho.

Os seres de um plano inferior não podem se comunicar com os de planos superiores, enquanto que os seres de planos superiores podem comunicar-se com os outros, mesmo quando não o façam se não for para cumprir uma obra.

Os principais planos do mundo astral são sete e incontáveis são suas subdivisões.

Desnecessário dizer que estas divisões são arbitrárias e utilizadas para dar uma explicação, pois se tem dito que a única separação astral a constitui a tônica vibratória.

NO PRIMEIRO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se as entidades dirigentes, os seres superiores que abandonam o mundo mental voluntariamente para fazer obra no mundo astral.

NO SEGUNDO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se seres sumamente evoluídos que, dirigidos por altas entidades, preparam os inventos, as obras, os tratados sociais que desenvolverão na Terra. Os Iniciados do Fogo atuam aqui antes de reencarnar.

NO TERCEIRO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se os seres fortes e valorosos; almas intrépidas que sacrificaram sua vida e suas paixões por um ideal, mas que se apegaram demasiadamente a este ideal; porém não é em vão, pois em uma próxima encarnação, esse ideal que ensaiaram anteriormente eles o ampliarão em toda a Terra.

NO QUARTO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se almas evoluídas, mas que não dominaram suas paixões. Elas se preparam ali para atuar de novo na vida e dedicar seus esforços às artes.

NO QUINTO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se as almas pouco evoluídas, aquelas que depois de um breve descanso têm que voltar rapidamente à Terra; são seres que se dão muito pouca conta do lugar onde se encontram, porque acima de tudo acreditam estar no lugar que lhes designaram, durante a vida, a sua religião ou as suas crenças. Um tom cinzento de perene melancolia rodeia este plano.

NO SEXTO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se os adormecidos, aqueles que, na paz e no repouso astral, despojam-se de seu corpo astral grosseiro para poder subir aos planos que lhes correspondem.

NO SÉTIMO PLANO DO MUNDO ASTRAL: Encontram-se os seres selvagens, os criminosos, os atrasados, os elementais, os espíritos da natureza e os recém-desencarnados. Estes são os que têm mais contato com o mundo físico; são os ectoplasmas que se manifestam nas sessões espíritas; são as imagens de aparições das quais estão repletas as lendas religiosas antigas.

O MUNDO MENTAL

Sexta Ensino

Todos os seres que moram no plano astral recebem, com diferente densidade, direta influência do mundo mental.

Ainda que inconscientemente, os seres do sétimo, sexto, quinto e quarto plano astral passam pelo mundo mental; do contrário ser-lhes-ia impossível trazer a energia para enfrentar a nova vida.

Os seres do segundo e do terceiro plano astral moram verdadeiramente no mundo mental. Quando concentram sua vontade estão no mundo astral; quando ampliam sua consciência estão no mundo mental. Para eles o dia, a vigília, é o mundo astral; o sono, a noite, é o mental.

Se alguém quisesse representar a diferença entre o mundo astral e o mental, haveria de dizer que um é a flor e o outro seu perfume, que um é a nota e o outro o seu som.

Esta separação entre o mundo astral e o mental é completamente arbitrária e unicamente é feita com fins puramente didáticos.

Os habitantes do primeiro plano astral estão quase em contínuo contato com o mundo mental. Basta-lhes concentrar seu pensamento para que todas as formosas cores, as variantes formas, os sustidos sons astrais desapareçam e se encontrem no mundo da luz perene.

No entanto, muitos desses grandes seres sofrem enormemente ao passar do mundo mental para o astral, do estado de mente em si para o estado de mente definida. Se bem que muitos destes seres nunca tomem vestes físicas, já é um grande sacrifício para eles tomar a veste astral.

Neste plano as almas são resplandecentes luzes. Quando trabalham se expandem, amplificam-se; refletem em si todas as outras. Quando se reconcentram fazem-se diminutas, porque adquirem a grandeza do espírito. Todas as suas palavras são criações; todos os seus atos plasmação de uma vida em nosso mundo.

Entre elas se reconhecem pelo brilho de suas luzes e se amam espelhando-se uma na outra.

Não existe tempo neste mundo, nem uma quarta dimensão que se amplifique, multiplique e se reduza à vontade do executante. Unicamente existe ali a duração.

Submersas em um contínuo êxtase perfeito, vivem estas almas um ensaio de beatitude eterna.

Poder-se-ia dizer que há aqui também sete planos diferentes e que segundo a duração do êxtase sustentado é a elevação da alma e o plano a que pertence.

A GRUTA DE RAS

Sétima Ensino

Não há nada oculto que não seja algum dia revelado. Disse Jesus que até os atos mais insignificantes das criaturas tinham que ser revelados.

A simbologia esotérica chama a este lugar onde estão registrados os fatos de todos os seres, passados e presentes, de Gruta de Ras. Pertence ao sétimo plano do mundo mental.

Chama-se Gruta porque esta palavra indica um lugar baixo e escondido, onde dificilmente podem entrar até mesmo as entidades mais elevadas. E esta Gruta é de Ras, porque Ras é símbolo do sol da mente.

Quando o Iniciado tenha chegado a um altíssimo estado evolutivo, cruza em sua ascensão até os mundos superiores um lugar maravilhoso que lhe chama poderosamente a atenção.

Usam-se aqui expressões muito inexatas para descrever tão maravilhoso lugar, não porque assim seja, mas porque é indispensável para deixar um vago conceito.

Poder-se-ia dizer que a alma se encontra em uma gruta fantástica, em uma imensa galeria semelhante a das grutas de água subterrânea, onde o reflexo de luzes, em vez de ser produzido pela água refletida nas paredes, é produzido por vibrações tão elevadas que nem mesmo os seres astrais podem tolerar.

Nota-se ali a ausência completa de entidades determinadas, pois unicamente é custodiado esse lugar pelos Senhores do Destino.

Quando o ser que penetrou ali se habitua, nota que cada ponto de luz encerra em seu centro uma luz brilhantíssima, e sobre esta se refletem, de forma microscópica, visões de tempo, de povos, de pessoas e de lugares.

Não existe ali uma única dimensão, mas quatro dimensões.

Se o ser se concentra, os fatos se reproduzem desde como começaram até como terminaram; e se relaxa seu pensamento, os fatos se voltam retrospectivamente.

Se lhe chama a atenção uma coisa determinada, desenvolvem-se todos os detalhes da mesma, detidamente, e se se propuser pode ver o que deseja desde que começaram os mundos e a vida começou a se manifestar.

Muito poucos penetram ali e mesmo as altas entidades são guiadas por Superiores Mestres.

No entanto, o vidente tem vislumbre destas cenas maravilhosas registradas nos Anais Akásicos.

Helena P. Blavatsky, quando escrevia sua “Doutrina Secreta”, dizia: “Passam diante de meus olhos, vertiginosamente, paisagens, raças e civilizações perdidas”.

OS MUNDOS DOS DEVAS

Oitava Ensinança

As mônadas espirituais que transcenderam o plano da humanidade moram em planos superiores chamados os “Mundos dos Devas”.

Existem neles três cadeias de Hostes construtoras: a Hoste da Sombra, a Hoste da Humanidade e as Hostes Estelares.

A celestial Hoste da Sombra dirige o desenvolvimento dos elementais da roda terrestre.

São anjos radiantes que influem sobre o mundo material unicamente por concentração. Seu pensamento se concentra sobre o trabalho que têm que executar e, quando tenham gerado formas que podem se desenvolver sozinhas por um determinado lapso, estes anjos se reconcentram em si mesmos, perdem todo o controle da vida que manifestaram ao seu redor e permanecem fixos, introspectivamente, recebendo a mensagem da Hoste da Humanidade.

A Hoste da Humanidade, ou os arcanjos, dirigem seu trabalho por intermédio da Hoste anterior. Todas as ondas de vida humana passam pelo prisma septenário de suas consciências e vontades, refletindo-se no mundo pela evolução dos tipos, das raças e dos diferentes seres.

Não têm esses arcanjos períodos de concentração ativa e períodos de concentração passiva; unicamente possuem consciência em si que, ao passar através de suas mentes, toma vontade de ação.

Este excelente estado de contínua meditação nunca pode ser interrompido; sempre existe; somente por reflexão se expressa através da Hoste da Sombra no mundo.

Toda a plenitude de sua felicidade é refletir em si, como a gota de água a imagem do sol, a imagem espiritual das Hostes Estelares, os Principados.

Os Principados são os construtores das cadeias planetárias. Cada astro, cada estrela, cada planeta é o corpo material deles. Tal corpo material não pode em nada afetá-los porque são de natureza substancialmente divina.

A primeira Hoste é periodicamente vontade e periodicamente consciência. A segunda é consciência e vontade, simultaneamente. A terceira é unicamente consciência.

Nenhum ser da evolução atual pode sentir este estado divino, mas apenas intuí-lo.

Mesmo os grandes Iniciados Solares são transmissão da luz das Hostes Estelares, assim como os Iniciados Lunares refletem a Luz da Hoste da Humanidade e os Iniciados do Fogo, grandes químicos e transmutadores dos elementos, são influenciados pela Hoste da Sombra.

Embora nenhum ser subirá ao Mundo dos Devas até haver passado por todo o ciclo de vida terrestre, no entanto, muitos grandes seres, ao chegarem a seu umbral, percebem a influência deste mundo espiritual, em alto grau.

Alguns sobem até um estado intermediário, até aquele lugar onde estão escritas essas grandes palavras: “Não passarás”.

Assinalar-se-á aqui o nome das outras Hostes existentes, embora não pertençam aos Mundos dos Devas descritos: seguem as Hostes Estelares a Hoste das Formas ou Potestades; a Hoste da Linguagem ou Virtudes; a Hoste do Pensamento ou Dominações; a Hoste da Linha ou Tronos; a Hoste do Som ou Serafins e a Hoste dos Números ou Querubins.

O HOMEM COMPLETO

Nona Ensinança

O ser é um microcosmo, um universo em miniatura. Conhecer bem o complexo externo e interno do homem é conhecer o universo.

Da mesma forma que o Cosmos, o ser é ternário e septenário em sua estrutura.

Não há realmente uma diversidade no ser, mas diferentes tonalidades de vibrações, desde a mais forte e sustentada até a mais suave e imperceptível.

O ser sai do Manancial Eterno, densifica-se através de múltiplas formas e expressões, para retornar a Ele, já sutilizado, sem que a substância fundamental jamais mude.

No entanto é indispensável, para compreender estas mudanças, dividi-las e estudá-las separadamente.

Como ternário o ser é:

1. Espírito
2. Alma
3. Corpo

O corpo é a parte do homem já conhecida. Todos os seres são regidos por uma mesma lei biológica que os distribui em categorias, segundo a espécie de raça, clima, tempo a que pertencem.

A alma é a mente do homem; é real pelas manifestações que a determinam, embora invisível por sua espécie.

O espírito é a essência substancial divina no homem; Ele só se expressa na alma do ser como potencialidade unitiva e imanente, ou atividade individual criadora. Em si é simplesmente o que é. Permanece eterno, invariável, indivisível e ignorado. Esse é o espírito.

Tudo muda, o corpo e a alma do homem se transformam continuamente; porém o Espírito permanece sempre em seu estado de origem.

O Ser ternário é simultaneamente septenário se dividido nas seguintes partes:

7. Corpo Físico
6. Corpo Astral
5. Corpo Energético

Estas três partes do ser constituem o corpo do homem.

4. Mente Instintiva
3. Mente Compreensiva
2. Mente Intuitiva

Estas três partes do ser constituem a alma do homem.

1. Espírito

Estes princípios, coroados pelo Espírito, formam por sua natureza o Homem Completo.

O corpo físico é o instrumento; por ele a alma adquire experiências externas e se habilita no manejo e no domínio dos elementos.

O corpo astral é um molde sutil e perfeito do corpo físico e suas vibrações áuricas permitem que os desejos da alma se transmitam ao corpo e que os resultados das experiências do corpo sejam conhecidos pela alma.

O corpo energético é a parte luminosa e sutil do corpo completo; une a parte inferior e material à parte anímica do ser.

Entre estes distintos corpos existem moldes, ou laços de conexão, semelhantes à película aderida à casca do ovo.

A mente instintiva é o depósito da alma. Todas as experiências feitas estão ali registradas; e todos os impulsos que se manifestam no ser têm origem nesta parte. O subconsciente tem ali seu grande registrador.

A mente compreensiva é aquela parte da alma que analisa as idéias e controla os sentimentos. Não permite que o instinto se sobreponha; observa o material exposto e considera os resultados.

O homem atual está desenvolvendo esta parte da alma e, embora tenha muitos instintos que não pode dominar, é completamente diferente de um homem puramente instintivo.

A mente intuitiva, que desenvolverá o homem do futuro, é aquela potência da alma que conhece as coisas em si e as expressa sem variantes.

DO HOMEM AO COSMOS

Décima Ensinança

Não há nada novo sob o sol, nem há lei alguma que não seja repetição de outra similar.

O grande se resume no pequeno, enquanto o diminuto é imagem sintética da imensidade. Um princípio único, básico, invariável se expande até o infinito e se contrai até o infinitesimal.

O Princípio Cósmico, que em si potencialmente não tem distinção, no universo se apresenta como mente, energia e matéria; movimento, ritmo e forma.

Durante toda a Manifestação Cósmica, estas três substâncias fundamentais se sucedem ininterruptamente, aproximando-se, fundindo-se entre si e separando-se, em contínuo devenir, desde o menor até o maior, criando, formando, conservando e destruindo todas as formas de vida.

O Princípio Cósmico, ao identificar-se a si mesmo, fora de si, criou o Universo, a Manifestação; com esse Ato Espontâneo e Puro ficou preso ali, dentro de um Grande Carma Divino que se esgotará no instante em que a Criação se restitua por completo, “por Si”, ao seio de seu Criador.

O homem é uma reprodução do Cosmos: um microcosmo imagem do Macrocosmo. Todas as formas e possibilidades estão reunidas nele e, desde o ponto de vista humano, é o ponto culminante que indica o término da involução e o princípio da evolução, pois resume em si as formas mais diminutas e é, ao mesmo tempo, reprodução do Cosmos. Seus ossos recordam sua passagem pelo reino mineral; seus órgãos e vísceras pertencem ao antigo reino vegetal e os diferentes impulsos passionais têm toda a gama da escala zoológica. De tanto andar e por alto preço, tem conquistado o homem o seu livre arbítrio e a Lei de Possibilidades estende diante dele a imensidão do campo mental para experimentar.

A alma do homem percorre a Senda da Liberação ao compasso dos movimentos, ritmos e formações cósmicas, em etapas, ciclos e mudanças.

As etapas fundamentais da vida humana correspondem ao grande movimento vibratório dual que sustenta o Universo através da expansão e absorção rítmica da Substância Cósmica. Ao estado ativo sucede o estado potencial, e assim sucessivamente, de Eternidade em Eternidade.

A Substância Cósmica em sua trajetória de expansão através do Universo se dispersa em sete formas distintas, como o raio de sol sobre o prisma, formando assim os sete Raios Cósmicos, as sete cores fundamentais que são o composto de toda expressão de vida.

Os acontecimentos humanos estão também sujeitos a este ritmo septenário, assim como os sistemas zodiacais e solares.

A criança aos sete meses rompe o primeiro dente e aos catorze começa a caminhar; aos sete anos se reconhece como entidade individual e se faz adolescente aos catorze.

As mudanças da vida manifestada são inumeráveis, mas sempre septenárias. O contínuo devenir é o que constitui a beleza dos mundos. As transformações no homem

são incessantes; não sabe o que o espera entre um instante e outro, mas sabe que será diferente. E por estas mudanças, ritmos e etapas, o ser segue para a Unidade.

FATALISMO E ORIENTAÇÃO

Décima Primeira Ensinança

A Lei de Predestinação Consecutiva leva o ser humano a nascer dentro do círculo da ronda e raça a que pertence e dotado de certas qualidades e deficiências, características das mesmas. Mas, dentro desse círculo, o ser possui seu campo magnético próprio onde pode se desenvolver livremente e que lhe permite desenvolver plenamente a Lei Arbitral de Possibilidades.

Apesar de todas as cargas patológicas, psíquicas e espirituais que possa trazer consigo o ser desde o mais além, há uma chispa maravilhosa escondida nele que lhe grita a cada passo: “És livre; és parte do Ser Divino; luta e vencerás”.

O estado depressivo, causado pela crença em um destino inexorável, tem sido fonte de muita infelicidade e escravidão. As religiões que advogaram pela fatalidade do destino fomentaram no homem a tirania, a covardia e a inércia.

Outras religiões se abandonam nos braços da Vontade Divina e, com sua covardia, nada de adiantamento podem trazer.

O fatalismo gritando: “Está escrito”, lança-se a uma cega morte, a uma guerra reputada sagrada.

Os indiferentes olham desdenhosamente as misérias humanas, sem a mais leve compaixão, escusando-se ao dizer que são resultado do destino, o qual dá como fruto uma inércia espantosa que tem levado os povos do Oriente a tanta decadência.

Era necessário que o homem descobrisse o alcance de suas possibilidades. Mas para isso devia mergulhar ainda mais na matéria. Surge assim o positivista do século XIX, o investigador atento que, desdenhoso do passado e de seus mistérios, descarta todos os credos e costumes para penetrar até o fundo da matéria e da análise e mostrar ao mundo o que podem a vontade e o livre arbítrio do homem.

A civilização permaneceu no mesmo nível durante séculos; porém, nestes últimos setenta anos, a afirmação do poder humano tem levado o mundo a um adiantamento tal que nos espanta vê-lo.

Porém o homem que unicamente confia em seu livre arbítrio e em sua vontade, tem a maldição do irrealizável, do problema da vida depois da morte e do por que das manifestações da natureza.

A verdadeira orientação é a harmonia das duas grandes Leis: Causa e Efeito, Arbítrio e Possibilidade.

A primeira das Leis explica de onde devém o ser (o segredo da vida e o que o espera depois da morte). A segunda põe o ser em uma altura quase Divina e deposita em suas mãos o cetro do domínio e do poder.

O DESTINO

Décima Segunda Ensino

O ser há de passar por inumeráveis experiências e provas; há de nascer muitas vezes, conhecer muitas coisas, ser homem, mulher, grande, pequeno para seguir adiante na senda da liberação.

Unicamente concebendo a vida sujeita a um plano de evolução, pode-se explicar o porquê da variedade dos destinos humanos.

Tudo o que acontece é uma vibração que se materializa e torna depois a reintegrar-se a seu estado primário; o fato de hoje é o resultado de ontem e o trabalho, os pensamentos presentes, darão seu fruto amanhã. A miséria, a dor que o ser experimenta hoje, outros hão experimentado ou experimentarão. Não há injustiça, mas variabilidade.

Todos os homens passam pelas mesmas experiências; eles descendem desde Deus até a matéria e desde a matéria regressam ao espírito.

A este plano de evolução se chama Lei de Predestinação Consecutiva.

Esta Lei é ternária e se divide em:

1. Lei Pessoal
2. Lei Causal
3. Lei Coletiva

A Lei Pessoal é a que se vincula ao ser unicamente e à sua evolução. Em seu pensamento, em sua íntima consciência, forjam-se os desejos que o impulsionam a agir de um determinado modo; deste modo de agir dependerá sua vida futura.

O homem de hoje é o desejo de ontem e o homem de amanhã é o efeito das causas de hoje.

O ser pode modificar seu destino; nele está preparar-se uma vida de felicidade.

Pensando bem, agindo corretamente e não se fazendo escravo de seus desejos, forma-se um destino futuro feliz. Por isso, todos os instrutores religiosos têm insistido tanto em arraigar costumes puros e saudáveis nos povos.

A Lei Causal é a que ata o homem e o faz expiar fatos que não estavam diretamente dentro de sua vontade, mas que foram ditados pela raça, pelo lugar e pelo tempo no qual lhe tocou viver. Por exemplo: em um povo onde rege o costume da pena capital, aqueles que condenam à morte participam da Lei Causal e não da Pessoal.

Outro exemplo: as pessoas que comem carne arcam com a responsabilidade da matança dos animais, porém, como isso fica circunscrito ao plano de evolução atual e de desenvolvimento da raça a que pertencem, a responsabilidade não é mais que causal.

O mesmo motivo tem o sacrifício que exige o viver em sociedade, de acordo com as convenções da época.

A Lei Coletiva é aquela que ata através das ações que têm influído sobre as massas. Um mau governante prepara para si um destino de dor, pois as antipatias que despertou perdurarão em outras vidas; em troca, se obra com justiça e acerto, espera-o um bom carma.

A Lei Coletiva é também aquela que assume todo um povo, toda uma nação, toda uma comunidade, toda uma família.

Quando um país se declara em guerra, o povo é responsável, coletivamente, por essa guerra.

Embora seja bom conhecer que o sofrimento humano é fruto de ações passadas, não devemos agir buscando um destino feliz porque esse egoísmo nos criaria as mais pesadas ataduras. Só o atuar retamente, sem atar-se ao fruto da obra, trabalhar por trabalhar, é o que libera.

A GRANDE ILUSÃO

Décima Terceira Ensinança

Se Deus é o Indiferenciado, o Incognoscível, defini-lo seria negá-lo e tudo o que existe, o definido e o variável não pode ser mais do que uma quimera: assim asseguram os grandes filósofos das religiões panteístas. Mas, para os dualistas e deístas, para os que consideram que tudo o que existe é parte integral do Mesmo, seria blasfêmia dizer que todo o criado, tudo o que se vê e nos rodeia é ilusão.

O que é, então, Maya? É uma realidade ou uma ilusão?

A Manifestação Universal não pode ser, como finalidade, uma realidade única. Dizer isso seria limitar a alguma coisa o conceito de Deus que está fora de todos os conceitos; porém, tampouco pode ser ilusão esta maravilhosa sucessão de fatos divinos que constituem a vida do Universo criado.

O Universo manifestado, a vida, é uma realidade, tão real como o Indiferenciado, o Incognoscível, mas que assenta sua realidade existente no contínuo devenir. É realidade o existente? Sim, é realidade; mas não porque seja o Eterno em si, mas porque é o Eterno em sua manifestação. Deus é Imanifestado, Indefinível e Indescritível: Imóvel em si. Mas sua inversão, a Espiração Divina, é o Universo visível. O que vem do Eterno é, então, também eterno e real; não é a realidade em si, mas o devenir da Única Realidade.

Esta Realidade é ilusão só como ideia de mudança contínua e não porque se lhe queira atribuir um valor negativo, não porque se a considere um sonho, uma fantasmagoria e nada mais; mas por seu contínuo movimento de variabilidade.

Neste contínuo devenir, nesta contínua variabilidade, nesta perene transformação de todas as coisas, está o conceito da ilusão ou Maya dos vedantinos.

Deus é Aquele que não pode ser nomeado, Aquele que jamais varia em sua natureza; mas sua manifestação é Ired, pois é o que muda continuamente, fazendo-se acessível ao conhecimento: uma Unidade expressa por antítese.

Toda a Manifestação divina é a Grande Ilusão que, em contínuos vórtices, desce desde o Princípio Raiz e volta a subir até o Princípio Eterno, tão eterno, no entanto, como o próprio Deus.

Da mesma forma, encerrar-se somente no conceito da manifestação é deter-se no caminho, pois a senda da liberação é uma contínua marcha para o eterno.

Se desde as profundezas insondáveis da Eternidade tem surgido o Universo, não se deve renegar o mesmo, pois constitui a base do conhecimento dado ao homem para que, passo a passo, aprenda a reintegrar-se à Eternidade.

A Grande Ilusão é a realidade cambiante que encerra em seu nome o segredo do valor do que é incognoscível quando se faz cognoscível.

A LIBERAÇÃO

Décima Quarta Ensinança

A escravidão do desejo pesa sobre a humanidade e esta, em vez de desembaraçar-se dos laços que a atam, envolve-se cada vez mais na cadeia da dor.

A humanidade é escrava da carne, escrava das enfermidades, escrava da velhice, escrava da morte, e mesmo quando todos clamam pela liberdade, esta é para os homens uma esfinge, uma Isis velada.

No entanto, o destino do Espírito é a liberação, é alcançar a felicidade e a dita suprema da União Divina.

Os seres humanos, para libertarem-se destes laços, dão extrema importância à vida futura e à felicidade dos mundos superiores quando isto, se não se elimina o desejo, é encerrar-se em uma jaula maior, deixar a jaula humana para se encerrar na jaula mental.

Tampouco é conseguir a liberação – por libertar-se do desejo – afirmar que tudo é ilusão, que nada vale a pena, que amar e sofrer são ataduras; já que ao se negar cumprir as leis da vida pode-se cair escravo da indiferença e da apatia.

A liberação só se logra pela ausência do desejo e não pela ausência dos resultados do desejo.

A liberação não consiste em descartar tudo, mas em viver a vida sem desejá-la, abraçar a dor como se abraça a força que há de erguê-lo sobre as misérias humanas e, sobretudo, trabalhar por trabalhar, sem esperar recompensa.

Não é excluindo a ilusão que se a supera, mas conhecendo-a; e conhecê-la é não atar-se a ela.

A ausência verdadeira de desejo que permite a liberação interior é impedir sempre que a alma se identifique com o objetivo de sua experiência.

Viver e amar é parte da Eternidade se se vive e se ama com o pensamento posto unicamente no fim real. Quando a vida não ataca, quando o ser humano cruza as sendas da Manifestação conhecendo, mas não se atando a nada, identifica-se com a Divina Vontade, que é o portal da Eternidade. Bem disse Schopenhauer que o princípio do manifestado foi a vontade e que por vontade foi feito o universo.

À ausência do desejo que leva à União Divina ou Liberação, chega-se por quatro sendas:

1. Pelo Amor Real.
2. Pela Assistência e Trabalho.
3. Pela Ascética Mística
4. Pela Ensinança

Estas quatro sendas em si são uma; as quatro levam a alma ao Templo de Ouro; as quatro podem dar a Realização suprema; são distintas vias que levam a um único centro.

O sábio e o santo se encontraram um dia e conversando se deram conta de que os dois sabiam de um mesmo modo. O sábio perguntou ao santo: “Como sabes o que me custou tantos anos de estudo?”, e este respondeu: “Sei porque o sinto, assim como tu sentes porque o sabes”.

O amor é o princípio do caminho.

No universo tudo é amor, e como não há dois amores, porque o amor humano é uma miniatura do Amor Divino, aquele que ama pode chegar à Suprema Realização.

O amor é aquele que cria os heróis, perdoa os criminosos, fomenta as virtudes, embeleza a feiura e une com um laço indissolúvel a alma e o espírito, o bem e o mal, o finito e o infinito.

Disse Jesus a Madalena: “Muito te foi perdoado porque muito tem amado”, e Ramakrishna disse: “Começa-se pelo amor e se termina com o amor”.

Milhares de almas, aparentemente ignorantes, sem conhecimento algum, sem terem feito nada de extraordinário, chegaram pelo amor à União Divina. Teresinha de Lisieux bem disse: “Minha vocação é amar”.

A Assistência e Trabalho é o caminho dos valentes, duro de percorrer, cheio de provas e obstáculos, onde as mãos ficam calejadas por ser tão difícil a ação, mas que transforma o objetivo do trabalho no Ideal Divino.

Todos os próceres da civilização e do progresso foram trabalhadores indômitos, menosprezados e ultrajados. Eles sabiam que jamais teriam uma satisfação imediata por seu trabalho; no entanto, seguiram impávidos a sua obra. É que eles sabiam que o fruto verdadeiro do trabalho é eterno e inacessível para a curta visão humana.

O caminho da Ascética Mística é o mais árduo, porém o mais seguro. Introverter-se continuamente para conhecer-se melhor e fazer da vida um ato espontâneo de autocontrole é difícil; mas leva a resultados surpreendentes de liberação interior. Aquele que segue este método estuda a si mesmo fisiológica, psíquica e astralmente até chegar ao Manancial Eterno.

Os métodos a serem seguidos são: a Meditação, a Concentração, a Contemplação, o Êxtase e, por último, a União Divina.

Alguns acreditam, no entanto, que o caminho de Assistência é mais útil do que este, pois ajuda mais diretamente a humanidade; mas se esquecem de que a verdadeira e primordial ajuda emana da mente, do pensamento. Os Iniciados Solares de Quarta Categoria aparecem sobre a Terra e desaparecem assim que cumprem seu labor público de Ensino e de Sacrifício; mas os Iniciados Solares de Terceira Categoria, para manter a Idéia Mãe sobre a Terra, não podem deixar um instante seu Trabalho.

A Ensino é o caminho do estudo, do conhecimento e do saber.

O investigador atento, o cientista tenaz, o filósofo e o teólogo sulcam em seus pensamentos e no pensamento da humanidade ramificações de possibilidades infinitas.

O estudo continuado força a Natureza e o Cosmos a revelar os seus Mistérios; o conhecimento é iluminação da mente; e disse Cristo: “O conhecimento vos libertará”; e o saber que se adquire através de longos anos de especulações iluminativas descobre para o estudante as verdades fundamentais do Universo, que são prenda segura de liberação.

A REENCARNAÇÃO

Décima Quinta Ensinança

O ser, para chegar à liberação, há de evoluir através de numerosas reencarnações.

Embora seja certo que o homem não se recorda de suas existências passadas, conserva, no entanto, a experiência dos caminhos percorridos.

As vidas de um ser são impossíveis de serem enumeradas, mas sabe-se que elas tiveram um princípio quando a alma era completamente ignorante e que terão fim quando ela se libertar de todos os desejos que são as cadeias que periodicamente a trazem de volta à Terra.

As almas pouco evoluídas regressam rapidamente à Terra, impelidas pelas baixas paixões que as impedem de se elevarem a planos superiores. Muitas vezes, depois de um brevíssimo descanso efetuado no sexto plano astral, buscam ansiosamente uma morada física e reencarnam.

Porém, também os seres muito evoluídos podem voltar rapidamente à Terra, quando têm alguma missão especial a cumprir. Vêm, em tal caso, não porque os atraia a matéria física, mas porque se despojam facilmente dos corpos sutis para adquirir corpo físico.

O comum dos homens reencarna periodicamente a cada setecentos anos; mas os mais evoluídos demoram muito tempo a reaparecer no quadro da vida humana porque esperam a coletividade a que pertencem, para o descenso. Às vezes, raças inteiras aparecem em conjunto.

Têm-se apresentado alguns casos excepcionais de pessoas que se lembravam exatamente de sua vida anterior, ocorrida muito poucos anos antes. Trata-se de uma anomalia astral. São seres que morrem e, sem passar ao sexto plano astral e nem desembaraçar-se do corpo etéreo, voltam rapidamente à Terra e se recordam de sua vida anterior.

Na maioria dos casos os seres reencarnam sete vezes com aspecto feminino e sete vezes com aspecto masculino, com exceção dos Grandes Iniciados, que tomam o aspecto mais adequado para a realização de sua missão.

Nunca se reencarna nem na mesma raça nem no mesmo povo, a não ser nos casos em que o ser tenha deixado sem cumprir o trabalho que lhe havia sido encomendado na vida anterior. Muitas vezes, obras começadas em uma existência são terminadas em outra e há alguns trabalhos que necessitam vidas para serem executadas.

Os seres não voltam sozinhos na vida, mas juntamente com um determinado grupo de almas com o qual têm vínculos familiares, de amizade e de afetos. Há muitos que por várias encarnações desenvolvem juntos um mesmo trabalho.

Aqueles que estão aqui reunidos não se conhecem de hoje nem de ontem, nem deixarão com a morte de estarem reunidos. Alguns seres, mesmo sem ter alcançado a liberação, não voltam mais à Terra porque já são aptos para continuar sua obra a partir dos planos astrais.

A crença na reencarnação, que se assenta sobre bases tão lógicas, é extremamente consoladora, porque explica o porquê das desigualdades humanas.

O DESCENSO À TERRA

Décima Sexta Ensinança

Nos planos superiores as almas gozam de uma límpida e livre atmosfera espiritual. Nada penetra nessas elevadíssimas regiões onde os seres brilham como rutilantes estrelas.

Porém, quando os seres de maior adiantamento espiritual tenham esgotado o caudal espiritual que os fez morar no primeiro plano do mundo Astral, um vago desejo de ação começa a deter o rodar maravilhoso de suas luzes. As lembranças de amor e de vida se mesclam entre si na paz do ambiente e os impelem a voltar ao plano material. Uma espécie de sono profundíssimo envolve as almas e faz-se cada vez mais débil o seu brilho.

Como novas Walkírias adormecidas pela voz do amor, descendem dos planos mentais e concentram todas as suas forças de consciência no primeiro plano do mundo Astral.

Também a aspiração da alma dos seres menos evoluídos chega até ali antes de reencarnar, para concentrar as potências da nova vida que vão desenvolver sobre a Terra (terceiro plano).

Desde ali descendem ao segundo e ao terceiro plano Astral, onde todas as possibilidades das almas se unem aos fatores mentais que não deixaram para trás de si em sua ascensão.

Já estão aptos para a vida humana.

Nos sucessivos planos astrais as almas se revestem do corpo energético e astral, aptos para a missão que têm que desenvolver no mundo.

No sétimo plano Astral lhes aguardam os baixos instintos e as obras más que não têm sido pagas, que formam seu corpo etéreo, que é o molde definitivo do corpo físico.

Uma vez mais terão que esquecer as esferas de luz onde moraram e terão que se vestir com a capa sangrenta da carne e da dor. Terão que lutar, começar e ver como se lhes escorre vida entre suas mãos, deixando-as só com as gotas das recordações.

É a hora das horas, a solene hora do sacrifício e da crucificação: um espírito divino cravado sobre o madeiro da carne.

Inutilmente procurou a alma libertar-se para sempre. O destino chama, força e impele, e desde as alturas da divindade há de descender o ser até as sombras da matéria.

Todos os que estão na Terra não gozaram uma paz perfeita por mais ou menos tempo, de acordo com seu adiantamento espiritual; porém a liberação verdadeira é aquela que, rompendo todo desejo, põe a alma em contato com a serenidade universal que é eterna.